

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE ODONTOLOGIA / INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE FONOAUDIOLOGIA  
TRABALHO DE MONOGRAFIA II

ELAINE FERREIRA DA SILVA LOPES

**O FONOAUDIÓLOGO E A RELAÇÃO CLÍNICA-ESCOLA:  
transdisciplina, diálogo e (não) saberes**

Porto Alegre

2022

ELAINE FERREIRA DA SILVA LOPES

**O FONOAUDIÓLOGO E A RELAÇÃO CLÍNICA-ESCOLA:  
transdisciplina, diálogo e (não) saberes**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do título de bacharel em Fonoaudiologia.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Lopes Cardoso

Porto Alegre

2022

ELAINE FERREIRA DA SILVA LOPES

**O FONOAUDIÓLOGO E A RELAÇÃO CLÍNICA-ESCOLA:  
transdisciplina, diálogo e (não) saberes**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado e aprovado para obtenção do título em Bacharel em Fonoaudiologia no Curso de Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 06 de maio de 2022.

BANCA EXAMINADORA

---

Professora Doutora Clarice Staub Lehnen  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Professora Doutora Gabriela Maria Barbosa Brabo  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## **AGRADECIMENTOS**

Com gratidão e carinho, agradeço:

Ao Criador, pelas bênçãos e pelos desafios que nos proporcionam em nossa  
existência.

À minha família, pelo incentivo, paciência, companheirismo e disponibilidade em  
dialogar as questões que apareceram durante a construção deste trabalho.

Ao meu Orientador Prof. Dr. Jefferson Cardoso Lopes, pelo acompanhamento na  
elaboração deste trabalho.

À Banca examinadora, professoras Clarice Staub Lehnene Gabriela Maria Barbosa  
Brabo, pelas contribuições no processo de qualificação deste estudo.

A todos aqueles que partilharam da minha caminhada, incentivando-me e apoiando,  
o meu muito obrigado.

## RESUMO

O presente estudo parte da reflexão sobre a importância das relações que se estabelecem entre o espaço da clínica e da escola como possibilidade de construção de novos “saberes”. Nesta direção é destacado o papel do fonoaudiólogo que, ao considerar a clínica como espaço de escuta e de diálogo, utiliza esses conceitos para promover e sustentar a relação clínica-escola. Trata-se de um estudo qualitativo descritivo, com o acompanhamento longitudinal de entrevistas realizadas entre uma terapeuta de Fonoaudiologia e profissionais de uma escola. Foi possível, através das análises, concluir que a aproximação entre a Clínica e a Escola favorece o surgimento de novas perguntas e respostas que podem atribuir novos sentidos para as áreas envolvidas.

## **ABSTRACT**

The present study starts from the reflection on the importance of the relationships established between the clinic and the school space as a possibility for constructing new "knowledge". In this direction, the role of the speech therapist is highlighted, when considering the clinic as a space for listening and dialogue, uses these concepts to promote and sustain the clinic-school relationship. This is a descriptive qualitative study, with the longitudinal follow-up of interviews between a Speech-Language therapist and professionals from a school. It was possible, through the analyses, to conclude that the approximation between the Clinic and the School favors the emergence of new questions and answers that can give new meanings to the areas involved.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>09</b>
2.1 A CLÍNICA.....	09
2.2 A ESCOLA .....	12
2.3 A TRANSDISCIPLINA E O DIÁLOGO: CONCEITOS QUE INTERESSAM À CLÍNICA E À ESCOLA.....	16
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>20</b>
3.1 DELINEAMENTO .....	20
3.2 DO CORPUS.....	20
3.3 DOS DADOS.....	20
3.4 DA APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	20
3.5 DA ANÁLISE .....	21
<b>3.5.1 Das diretrizes de análise.....</b>	<b>21</b>
<b>4 APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DE ESTUDO CLÍNICO .....</b>	<b>22</b>
4.1 CONTEXTUALIZANDO O CASO CLÍNICO .....	22
4.2 RELATOS DAS ENTREVISTAS .....	23
<b>5 ANÁLISE E DISCUSSÃO .....</b>	<b>29</b>
<b>6 O FONOAUDIÓLOGO E A RELAÇÃO CLÍNICA-ESCOLA: TRANSDISCIPLINA, DIÁLOGO E (NÃO) SABERES.....</b>	<b>33</b>
<b>7 CONCLUSÃO .....</b>	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A temática deste estudo nasce de uma pergunta da minha experiência clínica de estágio sobre como essa relação clínica e escola é construída e quais as implicações dessa relação para o tratamento fonoaudiológico. Paralelo a essa questão também soma-se minha trajetória como Orientadora Educacional onde as práticas vivenciadas na comunidade escolar, considerando alunos, educadores e famílias, têm possibilitado compreender o sujeito e suas relações, dentro e fora do ambiente escolar.

Nesta direção, as ações promovidas em relação às aprendizagens dos alunos são pensadas de forma a contemplar as diferentes situações, podendo incluir questões acadêmicas, comportamentais, disciplinares, sociais, emocionais e culturais. Nesses espaços de vivências, os diálogos são configurados por momentos desafiadores e enriquecedores, onde os sujeitos traduzem suas percepções a partir do lugar que ocupam.

Sendo assim, Clínica e Escola podem considerar o diálogo como o lugar que promove diferentes possibilidades de interações onde a ação e reflexão colocam-se juntas e articuladas e, a partir dessa interlocução, nasce a necessidade de aprofundar essas questões, ampliando um pouco mais o meu campo de reflexão, na direção de um diálogo entre as áreas da saúde (Fonoaudiologia) e da educação (Escola).

Esse entrelaçamento entre a Fonoaudiologia e a Escola pode ser justificado pelas problemáticas que se fazem presentes em ambas as áreas. Entre eles as relações e os diferentes aspectos envolvidos na aquisição e no desenvolvimento da comunicação que repercutem no processo de ensino e aprendizagem. Dentro deste contexto, entende-se que a Fonoaudiologia apresenta conteúdos e conceitos que fortalecem e ampliam as reflexões anteriores, desde que o Fonoaudiólogo tenha presente em sua prática a importância dos diferentes espaços de interlocução que se apresentam na sua prática clínica.

A partir destas reflexões é possível reconhecer que nos espaços da clínica e da escola circulam saberes e não saberes que, em diálogo, entrecruzam-se. Esses “saberes e não saberes”, além de possibilitar aos interlocutores uma reflexão e uma resignificação de suas práticas, contribuem na aquisição de novos conhecimentos



sobre o sujeito a partir das suas singularidades, que são reveladas nas relações e vínculos construídos nesses diferentes espaços por onde transita. Sendo assim, é imprescindível que se promova um espaço de diálogo entre a clínica e a escola.

Assim, esse trabalho tem como objetivo principal discutir a relação clínica-escola como possibilidade de entrelaçar “saberes e não saberes” entre as áreas da Fonoaudiologia e da Educação. Associando-se a esse objetivo foram construídos os seguintes objetivos específicos: a) Aprofundar o conceito de diálogo e de transdisciplina que sustente o trabalho do fonoaudiólogo na relação clínica-escola; b) Refletir sobre a importância da interlocução do fonoaudiólogo com a escola para os sujeitos em tratamento/escolarização.

Dessa forma, este trabalho foi organizado com a seguinte estrutura. No capítulo da Fundamentação teórica (2), serão apresentados três itens. No primeiro (2.1 A Clínica) será mencionada a Fonoaudiologia como um campo que contempla diversas áreas, e neste trabalho será abordado em especial o que se convencionou chamar de Clínica de Linguagem. O segundo capítulo (2.2 A Escola) trata da constituição da escola como lugar social, de aprendizagem, de trocas de relações. No terceiro (2.3 A Transdisciplina e o Diálogo: conceitos que interessam a relação clínica escola) é abordado o conceito de transdisciplina de acordo com Caon e o de diálogo desenvolvido por Mikhail Bakhtin.

No capítulo referente à metodologia (3) é apresentado o delineamento da pesquisa, a natureza dos dados e a forma como a análise será empreendida. No capítulo (4) é apresentada a descrição de um caso para ilustrar as reflexões realizadas. O capítulo (5) é onde acontece a análise e discussão dos relatos dos encontros com a Clínica e Escola desenvolvida a partir dos conceitos de transdisciplina e de *diálogo*, e na sequência são tecidas as Reflexões e Considerações Finais deste estudo.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 A CLÍNICA

A Fonoaudiologia é uma ciência que atua em diferentes campos<sup>1</sup>. Para atender aos seus objetivos, reúne disciplinas de áreas básicas, visando à compreensão biopsicossocial de processos saudáveis e desviantes da comunicação humana e articula-os na prática clínica fonoaudiológica.

Neste trabalho a área da Fonoaudiologia que estará em relevo é a que se convencionou chamar de Clínica de Linguagem. Para Araújo (2006), a Clínica de Linguagem é inaugurada a partir da demanda de transformação de falas sintomáticas que surge através do pedido do sujeito por uma terapêutica cujo alvo é uma fala “patológica”, ou melhor, uma fala que se desvia do que é esperado socialmente.

Pensar na Clínica de Linguagem implica direcionar o trabalho do fonoaudiólogo para uma escuta teoricamente orientada para poder dar “tratamento” a esse sujeito, com sua fala desviada, que chega à clínica. Dependendo dos conceitos de linguagem, de sujeito e de clínica, é que o tratamento do sujeito será conduzido. Por isso, é importante destacar que essa clínica é marcada pela imprevisibilidade própria do sujeito e de sua fala, sendo que a ideia de um método previamente estabelecido é afastada, pois a interpretação passa a depender da especificidade de uma fala e da singularidade dos movimentos do sujeito.

Para Arantes (1994), o olhar para as formas em que são abordados os quadros de atraso ou distúrbios do desenvolvimento da linguagem possibilita compreender a natureza da clínica fonoaudiológica, pois ele revela as perspectivas pelas quais o clínico contempla a linguagem. Há quadros de retardo de linguagem que estão relacionados a patologias que são aparentemente menos controvertidas e indicam sua origem. Por outro lado, quando se tem um diagnóstico um pouco obscuro, fica aberto um leque de possibilidades interpretativas que poderão ser delineadas e definidas a partir da concepção de linguagem do clínico.

---

<sup>1</sup> É importante destacar que de acordo com o Conselho Regional de Fonoaudiologia da 7ª região (CRFa 7), são reconhecidas 12 especialidades fonoaudiológicas a saber: audiologia, disfagia, fluência, fonoaudiologia escolar/educacional, fonoaudiologia do trabalho, fonoaudiologia neurofuncional, gerontologia, linguagem, motricidade orofacial, neuropsicologia, saúde coletiva e voz.

Para buscar-se o entendimento de um mesmo quadro são consideradas diferentes perspectivas, onde o olhar clínico parte de uma concepção de linguagem que o coloca em um posto de observação que determina não só o entendimento do quadro, mas que configura o perfil do terapeuta e do paciente. Assim, a partir do quadro de patologias, o fonoaudiólogo vai recorrer às teorias e a sua prática clínica tem a ver com essa relação.

A concepção de linguagem pode ser compreendida por diferentes visões e, dependendo do enfoque, a clínica vai configurar-se de uma determinada forma. Por exemplo: se for mais com um enfoque inatista, baseado em Chomsky, a criança irá construir a representação interna de uma língua específica, a partir da ativação de princípios e parâmetros inatos; e como portadora do saber linguístico, caberá a ela a tarefa solitária de analisar o material linguístico a que é exposta.

Já se o enfoque for numa perspectiva interacionista (apud DE LEMOS, 1986), a construção da linguagem dar-se-á na interação entre os sujeitos falantes. Nessa abordagem, a criança tem um papel ativo, apesar de inconsciente. Sua atividade é suporte empírico para a atividade interpretativa do outro. Nesta concepção, a criança é ativa, produz sons e movimentos e o outro nessa relação é intérprete. Citamos apenas dois exemplos de abordagens clínicas no âmbito da linguagem que refletem a forma de atuação do fonoaudiólogo. Partindo desses exemplos, pode-se dizer que o olhar do clínico resulta ser dirigido por uma concepção de linguagem, que resultará no modo como se dará a relação terapêutica entre o fonoaudiólogo e o paciente.

Tassinari (1998) coloca que, mesmo considerando que a relação terapêutica seja um aspecto fundamental do fazer clínico, a mesma não tem recebido o enfrentamento suficiente. A autora apresenta alguns questionamentos com o objetivo de refletir sobre os aspectos que tendem a ser apagados pela maneira tradicional de atuar. Ela questiona a função e as características comuns do terapeuta e de seus pares.

Ao se considerar a atividade clínica em fonoaudiologia como um fazer que se ocupa da linguagem, é necessário que se pense nos processos de constituição dos sentidos. O terapeuta deve estar preparado para sustentar o falar, o calar, o “errar”, uma vez que essas situações sempre dizem algo sobre o sujeito, e são através dessas manifestações que a clínica passa a ser um local onde o paciente pode colocar-se na linguagem de forma singular. No contexto clínico o que muda é a

possibilidade da escuta do terapeuta, uma escuta para o que não foi previsto pela teoria, permitindo reformulações constantes.

Para Tassinari (1998), na Clínica de Linguagem todas as nossas atitudes estão comprometidas com a função terapêutica: se ouço a mãe, se compactuo com algumas questões, se nego o atendimento, se nego as dificuldades de acolhimento. Todos esses movimentos e sentimentos estarão presentes no significado atribuído ao trabalho clínico com a linguagem. Sendo assim, pode-se dizer que o eixo de sustentação do trabalho clínico é a relação terapêutica que se estabelece.

Nesta direção, entendemos que os aspectos abordados por Campos (2005) são importantes para pensar a Clínica de Linguagem na Fonoaudiologia. Mesmo que o trabalho de Campos seja voltado para a concepção de uma Clínica Ampliada, no âmbito da saúde coletiva, ele apresenta pontos importantes para a reflexão do fonoaudiólogo.

O autor trata de uma abordagem mais ampliada de tratamento, que contempla uma dialética entre sujeito e doença. Por essa abordagem a doença passa a ser colocada entre parênteses, a fim de permitir a reentrada em cena do paciente, do sujeito, sem deixar de olhar a doença, o doente e seu contexto. Portanto, é importante que a clínica considere o sujeito e sua doença, ampliando o objeto de saber e da intervenção, pois, ao passar a incluir a enfermidade como objeto de conhecimento, deve-se incluir também o sujeito e seu contexto social como objeto de estudo e de prática.

Olhar para o sujeito e suas relações sociais é trabalhar com o imprevisível, porque trabalhar com o sujeito e suas singularidades requer ultrapassar os campos das certezas e das regularidades para o campo da imprevisibilidade da vida cotidiana. Uma primeira questão a ser considerada é o reconhecimento explícito do limite de qualquer saber estruturado, levando o terapeuta a rever seus saberes diante de cada caso. Nesta direção, é importante que se tenha o conhecimento sobre os aspectos genéricos dos processos saúde-doença-atenção escutando e perscrutando casos singulares.

Como bem nos lembra Arantes (1997), no exercício clínico o fonoaudiólogo defronta-se com a face da linguagem que escapa à regra, com o que não é previsível, com o que é residual. Na clínica, o fenômeno linguístico revela sua face mais inapreensível e heterogênea. A linguagem em sua dimensão patológica é a

expressão mais clara e maior do singular, do individual. É a revelação de uma singularidade inscrita na linguagem.

Concluimos essa parte do trabalho dizendo que não estamos a defender aqui uma concepção de Clínica de Linguagem. O que pretendemos foi destacar alguns pontos que julgamos importantes para uma clínica que se ocupa de um sujeito cujo sofrimento está relacionado a sua condição de falante de uma língua. Na Clínica Fonoaudiológica as situações dialógicas são experimentadas e relacionadas a um fazer que se ocupa de uma linguagem que é vista como meio de interação do sujeito com o mundo. Portanto, é importante que se pense nos processos de constituição dessa clínica, bem como em suas singularidades, para que a clínica não se torne um espaço para constatações, mas sim de investigação e descobertas (TASSINARI, 1998, p.123).

## 2.2 A ESCOLA

A Escola constitui-se em tempos históricos diferentes, onde sempre se coloca em discussão o Ensinar e a forma como são pensadas as metodologias, os materiais didáticos e os recursos a serem utilizados. Mas, além destes aspectos, é necessário pensar-se o que faz da Escola uma Instituição de Ensino. E, para isso, é importante considerá-la como um espaço de formação de sujeitos autônomos e críticos; como um lugar para estudar, conhecer, compreender, estabelecer vínculos e conviver; um espaço que leve o aluno a desenvolver habilidades e competências que o tornem apto para o exercício da cidadania; um espaço privilegiado de interações sociais onde os indivíduos constituem suas subjetividades por meio da cultura, de valores e de representações de relações constituídas com a família, com os professores, com os colegas e com o saber.

Nesta direção, é preciso reconhecer que a Escola<sup>2</sup> não é um mundo social separado da sociedade em que ocorrem conflitos, diferenças e desafios, ou seja, a Escola<sup>3</sup> também vivencia no seu dia a dia essas situações que são provenientes de

---

<sup>2</sup> A escola é um sistema complexo. Tudo o que acontece na sociedade, de alguma forma, repercute nela: a violência, o preconceito, a discriminação e a exclusão (BECKER, in Moll, 2013).

<sup>3</sup> Conforme Candau (2008, p.14), “[...] as escolas estão cada vez mais desafiadas a enfrentar os problemas decorrentes das diferenças e da pluralidade cultural, étnica, social religiosa, etc., dos seus sujeitos e atores”.

diversos fatores, os quais se encontram inseridos na vida contemporânea e acabam repercutindo nas organizações e funcionamento das Instituições Escolares.

Diante deste contexto, a Escola é desafiada a uma constante reflexão de suas ações pedagógicas, avaliando práticas que favoreçam as aprendizagens dos alunos e contribuam para a formação de sujeitos autônomos, capazes de compreender e de agir em dada realidade, modificando-a. E é partindo da problematização dessa realidade que se originam os desafios e questões que permitirão os avanços em seus processos<sup>4</sup>.

Ao considerar essas demandas e ancorada nos estatutos legais nacionais da LDBEN<sup>5</sup> e das Novas Diretrizes Curriculares Nacionais, a Escola passa a ressignificar seus processos de ensino e aprendizagem de forma a reconhecer a diversidade e as possibilidades de articular as ações pedagógicas em sintonia com as áreas de conhecimento considerando a singularidade do grupo social que constitui cada comunidade específica. Portanto, é imprescindível tornar visíveis as relações entre os saberes produzidos e compartilhados, considerando, entre muitos aspectos, o modo como a escola lida com o conhecimento e com as relações sociais que acontecem em seu espaço.

A Escola utiliza-se do conhecimento para desencadear, implementar e efetivar a interação entre os sujeitos, o mundo e a cultura. Por isso, torna-se necessário perceber que essas ações passam pelo agir, pela forma como lida com o conhecimento, pelos critérios que são utilizados para selecionar os conteúdos; enfim, pelo modo como são estabelecidas as relações e as interações no espaço escolar.

Sendo assim, é preciso compreender o significado verdadeiro do que está posto como conhecimento necessário e universalmente válido, bem como as razões que justificam os diferentes mecanismos de isolamento dos conteúdos das disciplinas, das metodologias, dos processos avaliativos e de todas as vivências escolares. Para isso, é importante que o educador tenha as condições de exercer

---

<sup>4</sup>Ao problematizar e promover a análise crítica de ideias e atitudes presentes no cotidiano escolar torna-se possível identificar as ações e relações que possibilitam a escola cumprir a sua função social. Nessa direção, Cortella (1998; p. 49) refere que: “os processos pedagógicos não são neutros, estando imersos no tecido social e tendo, ainda, a tarefa de elaborar o indispensável amálgama para a vida coletiva, sendo conservadores e inovadores: e como tal esses processos devem ser enfocados e compreendidos”.

<sup>5</sup>LDBEN- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei 9394 de 1996 que regula o sistema educacional brasileiro da educação básica ao ensino superior, tanto no âmbito público quanto no âmbito privado.

com competência seu trabalho<sup>6</sup>, o qual é revelado na forma como lida com essas ações e com os saberes específicos da sua área, bem como os saberes necessários para socializar o conhecimento; no caso, os saberes pedagógicos<sup>7</sup>. Esses saberes associados aos domínios dos conteúdos levam o educador a definir as finalidades e os objetivos de sua ação e assumir uma postura crítica sobre o que ensina, como se ensina e para que se ensina (RIOS, 2003).

Para Zabala (2002, p.35), “a maneira de organizar os conteúdos a partir de uma concepção de ensino na qual o objetivo fundamental de estudo seja o conhecimento e a intervenção na realidade” é definido dentro de um enfoque globalizador. Este enfoque tem a intenção de possibilitar aos alunos os meios para compreender e atuar na complexidade. O desenvolvimento de um pensamento complexo permite ao aluno identificar os problemas buscando soluções através das relações que estabelece com os instrumentos conceituais presentes nos diferentes campos dos saberes.

Nessa perspectiva, o educador deve promover uma prática pedagógica que possibilite ao aluno constituir-se como sujeito produtor do seu próprio conhecimento. Quando o educador interroga-se acerca do que faz e persegue sua interrogação de modo sistemático, incentiva os educandos também a fazê-lo, e está problematizando o real. Ao estar com os educandos, esforçando-se por percebê-los<sup>8</sup> em seu processo de compreensão e interpretação do mundo, e, ao mesmo tempo, percebendo-se no seu ato docente, educador e educandos, juntos, desvelando o que foi interrogado, podem avaliar criticamente a realidade.

Nessa direção, a sala de aula assume sua verdadeira função pedagógica, na medida em que se transforma num espaço de debates sobre os conteúdos em foco e não apenas utiliza narrações repetidoras. Em suma, a aula é um tempo despendido na correlação dos fatos, contextualizando-os e problematizando-os, isto é, tomando deles consciência, transformando vivências em experiência, atribuindo-

---

<sup>6</sup> É no exercício contínuo de reflexões na prática e sobre a prática, que os educadores constroem uma identidade profissional para agir com consciência e autonomia.

<sup>7</sup> Segundo Azzi (2005, p. 43), “o saber pedagógico é o saber que fundamenta a ação docente, ou seja, é o saber que possibilita ao professor interagir com seus alunos, na sala de aula, no contexto da escola onde atua.”

<sup>8</sup> No esforço de viabilizar a aprendizagem, cabe aos professores conhecer o saber daqueles a quem procuram ensinar, a partir da interação com os alunos e com a comunidade na qual a escola se insere, para, com isso, superar o abismo entre aprender e viver, o que permitiria aos alunos produzir vínculos entre a aprendizagem escolar e o futuro. Uma das formas de fazer essa aproximação é a escola colocar-se como articuladora do volume de informações disponibilizadas de forma caótica às novas gerações (FENSTERSEIFER, 2020, p. 77).

lhes significados. E essa possibilidade só se torna viável nos termos de uma metodologia dialógica, concretizada no *confronto e encontro* entre professor e aluno, em um processo em que a autoridade do professor constrói-se pelo diálogo com os alunos em um rigor ético (FREIRE; 1996) e democrático, em uma disciplina que se funda na liberdade dos alunos como responsabilidade coletiva.

Assim, pode-se dizer que o diálogo acontece nas situações em que não há transferência de saber, mas no encontro de sujeitos interlocutores que buscam criticamente a significação dos significados, a reflexão sobre o porquê dos fatos, suas conexões com outros e o contexto em que se deu (FREIRE; 2001). E nesta direção, o Educador, ao promover o diálogo, oportuniza o encontro dos sujeitos que questionam determinada realidade.

O pensamento crítico apresenta-se como condição para o diálogo e, ao mesmo tempo, a problematização aparece como possibilidade capaz de gerar o pensamento crítico e promover a comunicação. Freire (1980, p. 89) salienta que “quanto mais progride a problematização, mais penetram os sujeitos na essência do objeto problematizado e mais capazes são de desvelar esta essência”. Desta forma, a Escola deve ser o espaço de crítica, pela pesquisa, reflexão e busca de alternativas, visando o exercício da cidadania.

A construção destes espaços acontece na medida em que se repensam as formas de interação e intervenção que envolvem e comprometem o aluno na busca do conhecimento e para isso faz-se necessário que o educador promova uma prática pedagógica<sup>9</sup> alicerçada no diálogo, valorizando as práticas interativas entre os pares (professor-aluno, aluno-aluno) e que olhem a heterogeneidade presente na sala de aula como uma oportunidade maior de trocas e interações.

Esses movimentos que promovem as interações e que também ocorrem em outros espaços da Escola contribuem para ampliar os processos de aproximação e socialização dos sujeitos que estão envolvidos nas dinâmicas escolares, entre eles a Família. Escola e Família juntas, como interlocutores do processo de ensinar e aprender, ao estabelecerem suas relações sustentadas no princípio do diálogo, discutem e pensam estratégias e possibilidades de ações e mediações.

---

<sup>9</sup> Práticas Pedagógicas que favoreçam relações interpessoais bem sucedidas pressupõem que os professores, na sua relação com os alunos e no desenvolvimento das atividades, considerem esses sujeitos em suas dimensões social, cognitiva, afetiva e motora. Isso significa que todas as suas ações devem levar em conta o aluno como uma pessoa inteira, que pensa, sente e se movimenta (WALLON, 1979 apud MARQUES, 2015, p. 52).



No contexto escolar, essa aproximação possibilita um melhor entendimento e apropriação da função que cada instituição representa para a formação do aluno. São funções e saberes diferenciam-se pelas relações que as constituem. Saberes que, ao serem compartilhados, abrem espaço para alinhar e articular ações educativas presentes nos processos de aprendizagem desenvolvidos pelo aluno, tais como: autonomia, participação, responsabilidade, comprometimento, relacionamento com professores e colegas, valores e atitudes. Essas relações, quando direcionadas numa perspectiva de colaboração e parceria, fortalecem-se no sentido formativo tornando as aprendizagens mais significativas (TOMITÃO, 2014, p.27).

Levando em consideração as reflexões sobre o espaço escolar e suas relações, pode-se dizer que a Escola de hoje é um dos espaços em que se dá a formação do indivíduo, integrando-o e ensinando-o a conviver com as diferenças, podendo transcender seus laços familiares e étnicos e criando o sentimento de pertencer a uma identidade mais abrangente.

É a escola, também, que tem igualmente a missão de promover o indivíduo ao pleno amadurecimento de suas capacidades, levando-o a escolhas, de modo autônomo, entre várias possibilidades, aquela que melhor lhe convém. É a segunda instância libertadora do indivíduo, uma vez que, liberado dos laços sociais, ele solta sua mente e transforma-se num homem livre e responsável. Educar para a liberdade é sua função política primordial. Nesse sentido, Arroyo (2000, p.112) afirma que:

A Escola é importante, influencia, e muito, nossas vidas. O que levamos de tantas horas vividas no tempo de escola? Levamos hábitos sobretudo. Hábitos de pensamento, formas de raciocínio, gestos, sensibilidades, formas de fazer, de compartilhar, de intervir. Levamos mentalidades, valores e auto-imagens. Levamos pensamentos materializados em forma de pensar. Não apenas conhecimentos abstratos, mas conhecimentos materializados em forma de conhecer. Levamos sentimentos do mundo, da sociedade e do ser humano materializados em forma de sentir.

### 2.3 A TRANSDISCIPLINA E O DIÁLOGO: CONCEITOS QUE INTERESSAM À CLÍNICA E À ESCOLA

Neste capítulo abordaremos dois conceitos que julgamos fundamentais para a proposta do trabalho: *transdisciplina* e *diálogo*. Esses conceitos são estudados por diferentes teorias, cada qual imprimindo o seu ponto de vista sobre os mesmos. Aqui

traremos o conceito de transdisciplina de acordo com Caon (2000) e o de *diálogo* desenvolvido por Mikhail Bakhtin (1992). Adiantamos que não se trata de um aprofundamento teórico sobre a matéria desenvolvida por esses dois autores, pois um estudo desse porte não teria espaço neste trabalho. O que trazemos são alguns pontos da matéria que julgamos pertinentes aos objetivos desta monografia. Entendemos que as noções de transdisciplina e de diálogo podem ser relacionadas para pensarmos as aproximações possíveis entre clínica e escola.

A complexidade dos campos de atuação exige cada vez mais que áreas distintas estabeleçam parcerias, trabalhem de forma integrada e ultrapassem fronteiras disciplinares, possibilitando aos profissionais transitar por diferentes campos teóricos. São nesses espaços, em diálogo com outros saberes, que a transdisciplinaridade aponta caminhos não somente de soluções, mas principalmente de interrogações.

Para Caon (1999 *apud* 127 PORT, 2002, p. 127), o profissional, ao transitar por outros campos conceituais, pode questionar e ser questionado em relação aos próprios dispositivos conceituais que utiliza, podendo acrescentar ou retirar conteúdos de um campo para outro. Esse movimento pode ser considerado como uma grande ajuda; porém, o profissional necessita de um outro olhar para aquilo que o seu próprio olhar já está acostumado e que não lhe permite questionar.

Na transdisciplinaridade não se delimitam os lugares ocupados na cena transdisciplinar, suas semelhanças e diferenças. Essa possibilidade de transitar em diferentes campos conceituais não invalida os movimentos que podem ser considerados como unidade de ação, tampouco os que são específicos de cada área. A transdisciplinaridade contribui para que o profissional avance em seus saberes na medida em que possibilita um deslocar-se reconhecendo muitas vezes algumas limitações no saber que fundamentam sua prática. Não se trata de sobrepor esses saberes, pois a escuta de outros saberes levam o profissional a pensar e ter novas ideias (PORT, 2002).

Para que o trabalho tenha uma configuração transdisciplinar é necessário que os profissionais, ao encontrarem-se diante de um determinado caso, além de contribuir com os saberes pertinentes à sua área, contribuam também de forma recíproca na área dos demais profissionais presentes.

De acordo com Caon (1998 apud IRIBARRY, 2003), a transdisciplinaridade pode ser considerada como um desafio que é apresentado pelo interesse de uma equipe, onde cada profissional problematiza os conceitos dos diferentes campos envolvidos. Os profissionais envolvidos buscam uma aproximação da outra disciplina na tentativa de poder perceber e interrogar aspectos teóricos e práticos que são utilizados pelo profissional, e com os quais são tomados como parâmetro para seu entendimento de um determinado caso.

O profissional, ao deparar-se com um problema que o impede de avançar em seus processos, precisa dialogar com outras áreas, promovendo aproximações e trocas para que, ao partilhar sobre o problema, novas soluções sejam construídas. Neste sentido, a transdisciplinaridade<sup>10</sup> é um dispositivo que, além de contribuir para o avanço das relações entre as áreas de conhecimento, permitindo a integração dos profissionais em suas diferentes áreas, possibilita que se instale um diálogo com outras áreas temáticas, fundamentado na transdisciplinaridade, respeitando as diferentes realidades e tipos de lógica de cada área, de modo que possa haver uma unidade plural de conhecimentos.

Nessa direção é que entendemos que o conceito de *diálogo* teorizado por Mikhail Bakhtin entrelaça-se com a ideia de transdisciplina esboçada acima. O *diálogo* é um dos principais conceitos da teoria do *dialogismo* de Bakhtin, ocupando uma posição central, sendo considerado o paradigma da criação bakhtiniana. Em Bakhtin, este conceito está relacionado ao estudo enunciativo da linguagem. Ao pensar-se em diálogo, pensa-se em comunicação, entendida, no caso de Bakhtin, como uma relação de alteridade, como sendo o espaço da constituição das individualidades, onde sempre é o outro que dá ao eu uma completude provisória e necessária. O caminho de aproximação entre o eu e o outro dá-se pelo diálogo. Este, como sendo a maneira criativa e produtiva do eu, através de suas palavras, aproxima-se das palavras do outro (FREITAS, 2013, p 15).

Para Bakhtin (apud ARAÚJO 2007), uma das formas mais importantes da interação verbal é o diálogo. Trata-se de uma interação que não se reduz a uma comunicação em voz alta de pessoas colocadas face a face. Ela implica todo e qualquer tipo de comunicação que poderá ocorrer em um contexto histórico, cultural, no local e no momento de seu acontecimento. No entanto, para que ocorra o diálogo

---

<sup>10</sup>Transdisciplinaridade conforme Iribarry, 2003.

não basta o eu e o outro; é necessário que se estabeleça a relação entre esse eu e o outro para que aconteça a experiência da interação.

Essa interação manifesta-se no discurso em forma de réplicas, onde a pergunta e a resposta constituem-se como um tipo de relação entre as réplicas do diálogo, não podendo ser consideradas como dois polos opostos, e sim como enunciados que são determinados pelos diferentes contextos sociais. Assim, a pergunta constitui-se como uma das estratégias discursivas que o locutor utiliza para obter a cooperação do interlocutor no processo de construção do sentido (ARAÚJO, 2007, p.112).

Conforme Cardoso (2002), a noção de diálogo em Bakhtin está ligada tanto à comunicação como à alteridade. Para Bakhtin (1997, apud CARDOSO, 2002, p. 72), adquirimos a consciência de nós mesmos na relação com o outro. Sendo assim, a intersubjetividade tem um papel importante na comunicação, ocorrendo por meio do discurso.

Diante dessas considerações, pode-se dizer que o *sujeito*, na concepção de *diálogo*, de Bakhtin, é uma consciência que se constitui e expressa-se na relação com o outro, num contexto social determinado e através de um material semiótico comum. Constitui-se na intersubjetividade do *diálogo* como consciência organizada a partir do signo linguístico e frente ao outro (Ibidem). Assim, na teoria do *dialogismo*, o *diálogo* é entendido como conjunto de condições que são moldadas em trocas reais entre as pessoas, significando comunicação entre diferenças numa simultaneidade.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 DELINEAMENTO

Este estudo apresenta um relato de experiência da terapeuta de fonoaudiologia a partir das entrevistas realizadas com os profissionais de uma escola. As entrevistas estão relacionadas ao acompanhamento de uma paciente que recebe atendimento na Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS, nos Estágios Supervisionados de Avaliação e Terapia Fonoaudiológica, do curso de Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e que é aluna de uma escola estadual de Porto Alegre. Trata-se de um estudo qualitativo descritivo com o acompanhamento longitudinal de entrevistas, no qual a terapeuta citada é a pesquisadora.

#### 3.2 DO CORPUS

O corpus do presente trabalho é constituído por um material de estudo clínico extraído das entrevistas realizadas entre uma terapeuta de Fonoaudiologia e profissionais de uma escola no período de 13/12/2021 a 05/04/2022. O material de estudo clínico é composto pela *contextualização do caso clínico* e por relatos das entrevistas realizadas.

#### 3.3 DOS DADOS

Integram os dados os relatos escritos, após cada entrevista, pela terapeuta responsável pelo atendimento em fonoaudiologia. O material conta com observações, comentários e descrições das entrevistas realizadas, assim como explora os aspectos singulares da paciente atendida pela terapeuta de fonoaudiologia e aluna da escola.

#### 3.4 DA APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Os dados serão apresentados em forma de relato, em quadros, separados pelo número da entrevista. No cabeçalho de cada quadro irá constar o número da

entrevista e quem participou da mesma. Antes dos relatos, será realizada, em item específico, a contextualização do caso clínico. Cabe destacar que as entrevistas apresentadas como dado têm a função de ilustrar aspectos do material teórico mobilizado no trabalho, de acordo com os objetivos do mesmo. Portanto, trata-se de uma amostra que não é extensa do ponto de vista quantitativo.

### 3.5 DA ANÁLISE

Após a apresentação dos dados será realizada a análise dos mesmos. A análise terá como elemento norteador as *diretrizes de análise* do trabalho.

#### 3.5.1 Das diretrizes de análise

O conceito de transdisciplinade Caon (2000) e de *diálogo* de Bakhtin (1992) constituem as diretrizes de análise do trabalho. A transdisciplinaridade é que permite ao profissional reconhecer algumas limitações no saber que fundamenta a sua prática, e que possibilita a aproximação entre disciplinas na tentativa de poder perceber e interrogar aspectos teóricos e práticos que são utilizados como parâmetro para o entendimento de um determinado caso.

Quanto ao diálogo, ele contempla todo e qualquer tipo de comunicação que poderá ocorrer em um contexto histórico, cultural, no local e no momento de seu acontecimento. Nessa direção, o *diálogo* é entendido como conjunto de condições que são moldadas em trocas reais entre as pessoas, significando comunicação entre diferenças numa simultaneidade. É com base nessas diretrizes que os dados (relatos) são analisados.

## 4 APRESENTAÇÃO DO MATERIAL DE ESTUDO CLÍNICO

### 4.1 CONTEXTUALIZANDO O CASO CLÍNICO

O caso clínico que integra essa pesquisa é de uma paciente do sexo feminino, com 15 anos de idade. A paciente era atendida pela equipe de fonoaudiologia na Clínica de Atendimento Psicológico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Os atendimentos iniciaram no mês de novembro do ano de 2021 e, em decorrência da pandemia, aconteceram na modalidade remota. A queixa principal trazida pela mãe era referente às trocas de letras na escrita e trocas de fonemas na fala.

Ao iniciar os atendimentos, foram propostas atividades com o objetivo de observar e coletar informações a respeito dos diferentes aspectos da linguagem apresentados pela paciente. Pode-se observar, já nos primeiros encontros, que a paciente era bem comunicativa, relatando situações do seu contexto familiar e escolar, envolvendo-se com facilidade nas atividades propostas. Com relação à leitura, apresentou fluência, entonação, expressividade e pausas com intervalos entre uma palavra e outra.

Elaborou um texto apresentando criatividade, coerência no conteúdo, sendo possível a compreensão de todas as informações trazidas na escrita; porém, o texto escrito necessitou de uma atenção às questões de coesão textual no que se refere às conexões entre as palavras e expressões. No texto aparecem erros ortográficos, falta de acentos, pontuação inadequada e repetição de palavras e trocas de letras que correspondem aos fonemas /t/ e /d/. Pode-se observar que essas trocas ocorrem com mais frequência na escrita.

Assim, partindo dessas observações, foi organizado um planejamento direcionado na perspectiva da percepção auditiva e produção dos sons dos fonemas surdos e sonoros<sup>11</sup>, qualificando suas produções textuais. Para tanto, foram selecionadas dinâmicas que favorecessem a participação e a interação da paciente. Para a produção textual, foram realizadas reescrita de texto, explorando em cada

---

<sup>11</sup>Os fonemas surdos não apresentam vibração das pregas vocais: /p/, /t/, /k/, /f/, /s/ e /ʃ/. Os fonemas sonoros são realizados com vibração das pregas vocais /b/, /d/, /g/, /v/, /z/ e /ʒ/. As alterações ortográficas consideradas como “trocas surdas / sonoras” dizem respeito às palavras que apresentam substituições entre as letras que grafam tais consoantes: p / b; t / d; q -c / g; f / v; ch-x / j - g; s / z.

parágrafo o que a paciente pretendia dizer e como poderia fazer de uma forma que ficasse clara e prazerosa para o escritor e para o leitor. Paralelo à reescrita, foram propostas algumas dinâmicas com expressões utilizadas que poderiam ser ditas de outra forma sem perder o sentido. Para minimizar os desvios motivados pela confusão gerada em função do traço distintivo da sonoridade, foram organizadas dinâmicas que pudessem favorecer a diferenciação de consoantes surdas e sonoras, desenvolvendo a percepção auditiva desses sons.

No decorrer dos encontros a terapeuta buscou contato com a escola da paciente. Esses encontros ocorreram com o objetivo de estabelecer uma interlocução entre os campos da clínica e da escola, a fim de conhecer como a escola percebia J e como eram construídas suas relações com os colegas e professores. Dessa forma foi possível a construção de uma relação Clínica-Escola que entrelaçou saberes e não saberes entre essas áreas.

## 4.2 RELATOS DAS ENTREVISTAS

### ENTREVISTA 01. Relato da entrevista com a Orientadora Educacional e Terapeuta

O primeiro contato com a escola foi agendado com a Orientadora Educacional. Após a terapeuta esclarecer o objetivo do encontro, a Orientadora trouxe um pouco do contexto em que a escola estava vivenciando com relação ao retorno das atividades presenciais decorrentes da pandemia e que neste ano teria poucos dados sobre a aluna, mas já poderia sinalizar que J. é uma aluna quieta, reservada e parecia tímida.

Não havia encontrado nos registros de conselho de classe nenhuma observação que apontasse alguma dificuldade da aluna. A terapeuta faz referência ao trabalho da fonoaudiologia que perpassa as questões de linguagem, as formas de comunicar-se, interagir e que repercutem nas diferentes áreas (escrita, leitura, organização de ideias) e que muitos desses aspectos também se fazem presentes no trabalho que a escola realiza e acredita que esse diálogo - Clínica e Escola - contribuirá nas formas de mediação e intervenção propostas, seja para o aluno ou paciente.

Como este encontro ocorreu na última semana de aula, a Orientadora Educacional comentou que precisava obter mais dados sobre a aluna, ficando



combinando agendar um novo encontro, após o início do próximo ano letivo, para partilhar sobre o trabalho realizado com J.

ENTREVISTA 02: Relato da segunda entrevista realizada com a Orientadora Educacional e a Terapeuta.

No segundo encontro com a escola, a Terapeuta retomou o contato realizado no final do ano com a Orientadora, onde iniciaram uma aproximação Clínica e Escola. A Orientadora relatou que percebia J. como sendo uma aluna quieta, tímida e que não costuma perguntar para os professores e geralmente conversava somente com colegas mais próximos. Trouxe também a observação de um professor que comentou que J. é uma aluna, em sala de aula, muito quieta, mas que realizava todas as atividades de forma correta e bem feita.

Na sequência do encontro a terapeuta relatou um pouco das suas percepções no espaço da Clínica, onde observou avanços com relação ao envolvimento e a forma da J. expressar-se. J. comentou sobre suas rotinas e como tem sido os momentos em que está na escola, relatando com muito entusiasmo o retorno presencial, a forma como a escola recepcionou os alunos e sobre seus professores e colegas.

Após, a terapeuta esclareceu sobre os atendimentos realizados com J. retomando que a demanda inicial apresentada pela família era referente a trocas na escrita e na fala. No decorrer dos atendimentos, foi observada a necessidade de outras intervenções: produção textual, interpretação, coerência de ideias e ampliação do vocabulário. A terapeuta destacou que os atendimentos têm contribuído na organização e estruturação das produções textuais de J, qualificando sua escrita.

A Orientadora comentou que iria partilhar com os professores esses conteúdos que estão sendo trabalhados com J. A Orientadora fez referência à carga horária da disciplina de Língua Portuguesa, informando que essa disciplina foi ampliada para que pudesse trabalhar e reforçar mais o português e a redação.

A Terapeuta e a Orientadora levantaram a possibilidade de promover um diálogo com os professores a fim de partilhar o trabalho desenvolvido com J. na Clínica e na Escola e pensarem juntas as questões que seriam importantes de serem consideradas no trabalho.

Para finalizar o encontro, a Orientadora colocou que tem observado J. e concordou com os professores que J. é uma aluna que não costuma falar muito em sala de aula, mas que já percebeu uma mudança na sua postura, parecendo estar mais à vontade. A Terapeuta comentou que é bom ouvir essas observações e acredita que aos poucos J. estará interagindo de forma mais efetiva neste espaço escolar.

### ENTREVISTA 03: Relato da entrevista com o Professor do Projeto de Vida e a Terapeuta

O terceiro encontro ocorreu com a presença do Professor R., que trabalha Projeto de Vida com os alunos do Ensino Médio. A terapeuta informou que este encontro tem como objetivo conversar sobre o trabalho que está sendo realizado com J. e juntos pensarem as diferentes práticas e possíveis questionamentos sobre as formas de mediação e intervenção utilizadas na Clínica e na Escola.

Após a Terapeuta esclarecer sobre os atendimentos fonoaudiológico realizados com J., o professor comentou sobre uma atividade que foi realizada com as turmas do primeiro ano, onde os alunos receberam a tarefa de escrever algo sobre eles e que expressassem suas identidades. Colocou que ainda não leu o trabalho de J. Também fez referência a uma outra atividade de que os alunos deveriam fazer um desenho que integrasse as letras do seu nome. O professor comentou que nessa atividade J. utilizou uma letra padrão.

Segundo o professor J. não conseguiu soltar-se muito, apresentando em seu desenho uma letra mais quadrada, mais firme. Percebeu que ela esboçou o seu trabalho, foi cuidadosa, mas não foi além do que lhe foi solicitado. Em sala de aula, observou que J. é uma aluna quieta e pelo seu olhar parece alegre e atento ao trabalho.

O professor comentou que, quando propõe um trabalho de desenho, para que os alunos possam criar a partir de uma proposta orientada, procura circular na sala de aula para poder observar como eles fazem suas produções e, quando necessário, realizar algumas mediações. Em um desses momentos, observou que J. estava realizando seu trabalho dentro de um padrão. Como J. estava bem organizada, não necessitou de muitas intervenções, apenas deu sugestões referentes às cores que poderia utilizar no seu desenho.

A Terapeuta comentou sobre essa aproximação do professor até os alunos a qual possibilita uma mediação mais individualizada, considerando a necessidade de cada um. O professor colocou que tem buscado essa aproximação, pois para alguns alunos o falar é muito difícil e muitas vezes, quando vai propor uma atividade, pensa em alguma dinâmica que possa contemplar de alguma forma esses alunos, e o desenho é uma alternativa.

A Terapeuta comentou que na clínica o vínculo que se estabelece também é muito importante para o trabalho. Nesta direção, a Terapeuta colocou que vem percebendo J. bastante motivada para os atendimentos, tem uma boa interação, realiza as atividades propostas e demonstra bastante envolvimento. Destacou que os estímulos, tanto na clínica como na sala de aula, podem ser considerados como estratégias para mudança de comportamento, por isso é necessário se pensar como são utilizadas nos momentos de mediações ou até mesmo para as proposta de trabalho.

O Professor concordou e pensou na possibilidade de poder diversificar mais suas aulas garantindo que esse espaço seja para que alunos consigam expressar-se mais. Lembrou de um livro que traz uma história da relação de um grupo de amigos que aborda o lado pessoal deles. A partir da leitura dessa história, os alunos poderão trazer um pouco de suas histórias e relatar para o grupo. A Terapeuta comentou sobre a importância do trabalho estar dinamizando atividades, possibilitando aos alunos reconhecerem-se como sujeitos e integrantes de um grupo. O encontro foi finalizado deixando em aberto a possibilidade de novos contatos que possam contribuir para a reflexão do trabalho.

ENTREVISTA 04: Relato da entrevista com o Professor de Língua Portuguesa e a Terapeuta

O quarto encontro ocorreu com o professor de Língua Portuguesa. A Terapeuta iniciou fazendo uma breve acolhida informando que este encontro tem como propósito conversar sobre o trabalho que vem sendo realizado com a J. nestes dois espaços (Clínica e Escola).

O Professor informou que este é o primeiro ano que está trabalhando com a J. e, com relação ao trabalho de sala de aula, fez referência a uma proposta de redação

que teve como tema: *A história de minha vida*. Comentou que essa atividade possibilitou que ele conhecesse um pouco mais sobre os alunos. E sobre J. é uma aluna que interage, participa, é acessível, mas pode observar nos momentos de conversa que tem alguma coisa na sua “dicção”, referindo-se ao aspecto articulatório da fala, mas que poderá ser um pouco pelo uso da máscara.

Não percebeu que a aluna J. tenha dificuldades, mas às vezes faz algumas trocas de sílabas, consoante e vogais, o que não chega a interferir no seu desenvolvimento, pois escreve bem. Atribuiu um pouco dessas questões ao tempo em que os alunos ficaram afastados no período da pandemia.

A Terapeuta comentou que os motivos que levaram a paciente J. a iniciar o atendimento fonoaudiológico referem-se a trocas na fala e na escrita e que no decorrer dos atendimentos foram sendo observadas outras necessidades como a organização das ideias, a estrutura textual, ampliação de vocabulário e ortografia. Nos atendimentos sempre se mostrou muito participativa e comprometida nas dinâmicas propostas, o que possibilitou avanços significativos.

O Professor comentou que via a aluna J. bem integrada no grupo e bem inserida na aula. Em suas aulas, procurava dar espaço para os alunos falarem para terem autonomia, para serem sujeitos. E neste contexto de sala de aula via a aluna J. bem integrada ao seu grupo, não percebendo em nenhum momento que ela estivesse distante.

A Terapeuta questionou o que o professor pensa que deva ser importante focar no trabalho da paciente J. O professor colocou que não teria o que dizer, pois a aluna J. correspondia muito bem ao trabalho que estava sendo realizado. Neste momento, estava trabalhando com a turma alguns pontos importantes de serem observados na redação, tais como: o espaço, a margem, a organização do texto - introdução, desenvolvimento e conclusão.

A Terapeuta retomou a observação do professor referente ao aspecto articulatório da fala. Ele reforçou que talvez essa fosse uma questão, pois na escrita da aluna J. estava dentro do esperado para o momento. Durante o ano tem uma previsão de mais ou menos realizar umas dez redações e isso ocorrerá dentro de um processo onde irá trabalhar essa construção com os alunos, e acredita que aos poucos essa escrita será aprimorada.

Com relação à coesão e à coerência do texto, considerou que é um processo que aos poucos eles vão adquirindo. A Terapeuta perguntou se os alunos realizavam leituras em sala de aula e comentou que, quando propõem atividades que envolvem a leitura, a paciente J. lê apresentando uma boa pronúncia das palavras, com entonação e ritmo; porém, a fala espontânea, às vezes, não ficava tão clara. O Professor comentou que ainda não realizou leituras em sala de aula, mas que poderia propor e observar melhor a leitura da aluna J.

A Terapeuta colocou que, com relação à questão dos aspectos articulatórios da fala de J., também irá observar e pensar algumas estratégias. O Professor informou que está previsto um debate que será realizado com a turma a partir de um tema onde eles irão discutir e argumentar, e pensou que talvez esse seria um bom momento para observar melhor a aluna J.

Durante a conversa, o Professor também fez referência à defasagem que os alunos ficaram do sétimo ano até o primeiro ano do ensino médio, comentando que há alguns conteúdos que estão sendo trabalhados com a turma somente agora e que eles já deveriam ter se apropriado.

Finalizando este momento, Terapeuta e Professor comentaram a importância do resgate de conteúdos, e é a partir daí que os alunos passarão a atribuir sentidos para os textos que produzem. Em seguida, a Terapeuta agradeceu a disponibilidade do Professor encerrando o encontro.

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A análise dos relatos a seguir teve como elemento norteador as *diretrizes de análises* (3.5.1), que sintetizam a referencial teórico mobilizado no trabalho. A entrevista 1 apresenta o relato do primeiro encontro com a escola, onde a terapeuta buscou uma aproximação com a escola. O objetivo principal foi a construção de saberes onde todos os sujeitos - Professores e Terapeuta - possam interagir em igualdade de posição, reconhecendo que os “não saberes” que poderão estar nos diferentes campos de atuação possam também contribuir para ressignificar o trabalho. A intenção apresentada pela terapeuta e a acolhida pela Orientadora apontam a possibilidade de construir essa relação.

Inicialmente a Orientadora trouxe informações de que nos registros da escola não havia apontamentos sobre dificuldades de J, mas poderia sinalizar que J. é uma aluna quieta, reservada e parece tímida. Após, a terapeuta fez referência ao trabalho realizado na clínica fonoaudiológica, destacando que muitos conceitos relacionados à aquisição da aprendizagem, bem como às formas de interação e comunicação, circulam no espaço da Clínica e da Escola.

Essa fala aparece como um reforço do quanto é possível pensar juntos esses processos e de modo especial da aluna J. São processos que não necessariamente precisam estar atrelados a dificuldades de aprendizagem, mas a outros aspectos que podem ser compreendidos a partir de reflexões oriundas de questionamentos que são feitos nas próprias práticas.

A entrevista 2 foi realizada com a Orientadora Educacional. Conforme o relato, pode-se perceber que, em relação à primeira entrevista, a Orientadora realizou movimentos diferentes, conversando com professores a fim de obter mais informações sobre a aluna. É possível destacar que essa busca realizada pela Orientadora pode ser entendida como a necessidade de conhecer dentro do espaço da escola os saberes de alguns professores sobre a aluna J.

Assim, nesse encontro Clínica e Escola partilharam seus saberes a partir das considerações trazidas pela Terapeuta e pela Orientadora, na tentativa de poder entender as práticas e mediações presentes no trabalho realizado. Pode-se observar que a partilha entre Terapeuta e Orientadora ocorreu a partir de uma relação que está sendo estabelecida, possibilitando, segundo Bakhtin, um diálogo que vá além

do eu e o outro, ou seja, de uma interação que não se reduz a uma comunicação em voz alta entre os envolvidos colocados face a face.

Isso se evidenciou quando a Orientadora pensou, após a terapeuta esclarecer sobre os atendimentos que realizava com J, a possibilidade de dividir as questões apresentadas com os professores que trabalham com a aluna. Esse encontro com os professores seria um espaço onde os “saberes” poderiam ser partilhados e os “(não) saberes” somados à reflexão de cada um.

A terceira entrevista foi realizada com o Professor que trabalha com o Projeto de Vida. A partir desse relato, pode-se observar que há diferenças entre a fala do Professor e a da terapeuta, referente à forma com que J. expressa-se nestes dois espaços. Essas diferenças produzidas estão dentro de uma perspectiva ampla do diálogo que, no contexto da interação verbal, a trajetória do que está sendo comunicado vai adquirindo outros significados.

E nessa relação entende-se os interlocutores não apenas como emissor ou receptor, mas como alguém que poderá contrapor ao que está sendo comunicado e, a partir disso, ampliar sua percepção. Segundo o professor, durante suas aulas J é uma aluna quieta, atenta ao trabalho, é cuidadosa, mas parece que nas atividades que são mais de expressão não consegue soltar-se. A terapeuta comentou que nos atendimentos J. apresenta-se motivada, demonstrando envolvimento nas dinâmicas propostas, bastante comunicativa, relatando fatos do seu cotidiano familiar e escolar com muita espontaneidade.

A diferente forma de perceber não invalidou a relevância de aspectos que foram considerados por ambos, tais como a importância de ter-se uma mediação mais individualizada que contemple as necessidades do aluno/paciente, o olhar para as singularidades, a construção dos vínculos e a utilização de estímulos.

Na medida em que refletiam, puderam reconhecer o quanto estes conceitos estão envolvidos na proposta do trabalho que realizam. Essa reflexão levou o professor a partilhar uma estratégia que poderia estar utilizando como alternativa expressando a possibilidade de diversificar suas aulas, utilizando, além do desenho, o recurso de livros para que os alunos pudessem pensar sobre suas histórias. Assim, terapeuta e professor partilharam seus saberes e “não saberes” pensando em seus contextos de trabalho.

Na entrevista 4 com o professor de língua portuguesa, pode-se observar que as percepções do professor e do terapeuta, no que se refere à interação e ao envolvimento da aluna/paciente, não se diferenciam muito. O professor percebeu a aluna bem integrada ao grupo, não apresentando dificuldades de aprendizagem. A partilha desses “saberes”, que ambos trazem para o diálogo, promove também o questionamento dos “não saberes”. Isto ocorre na fala da terapeuta quando pergunta ao professor sobre o que pensa ser importante focar no trabalho com a J.

Esse movimento transdisciplinar refere-se ao que Caon aponta como possibilidade do profissional transitar por diferentes campos teóricos podendo levantar questões em relação aos próprios conceitos que utiliza e retirar conteúdos de outro campo. Esse questionamento é compreendido como um deslocar-se diante das limitações dos seus próprios saberes, deixando cada “pesquisador” em condição de escuta, levando-os a pensar novas propostas em relação às suas práticas.

A configuração transdisciplinar que se percebe entre terapeuta e professor acontece na recíproca entre as áreas, pois, mesmo que a resposta do professor tenha sido de que não teria muito o que dizer, trouxe em sua fala a informação sobre quais conteúdos que estão sendo desenvolvidos, bem como a ênfase que está sendo dada para este momento do trabalho.

Na sequência, a terapeuta retoma a observação feita pelo professor sobre a articulação das palavras, o que o fez pensar que essa poderia ser uma questão. E em seguida a terapeuta pergunta como ocorre a leitura em sala de aula, pois no espaço da clínica percebe diferença entre a leitura e a fala espontânea. Outro ponto a ser destacado no relato é quando o professor diz que ainda não trabalhou a leitura em sala de aula, mas que também irá observar mais e pensar algumas estratégias nessa direção.

Ao final das análises, conclui-se que os encontros Clínica-Escola possibilitaram aos interlocutores – terapeuta e profissionais da escola - um espaço de aproximação e de confronto de (não) saberes.

Essa aproximação promoveu entre as duas áreas a possibilidade de partilharem seus saberes através de relatos das práticas vivenciadas dentro dos seus contextos de atuação. Foi assim que o diálogo, no conceito de Bakhtin, foi construído. Diálogo que não ficou restrito às trocas, face a face, entre interlocutores, mas que considerou a heterogeneidade das práticas de trabalho e a necessidade de



reciprocidade e interesse pelo discurso do “outro”. Discurso considerado como “ação” e “outro” como campo de atuação.

Na transdisciplinaridade, a aproximação entre dois campos parte de uma interrogação feita por um desses campos. Essa interrogação não necessariamente terá uma resposta, mas poderá sofrer deslocamentos teóricos e, conseqüentemente, práticos. Assim, ao possibilitar o trânsito entre diferentes campos do conhecimento, a transdisciplinaridade possibilita um olhar de questionamento sobre esses campos.

## **6 O FONOAUDIÓLOGO E A RELAÇÃO CLÍNICA-ESCOLA: TRANSDISCIPLINA, DIÁLOGO E (NÃO) SABERES**

Este trabalho aborda a relação clínica-escola como possibilidade de entrelaçar saberes e “não saberes” entre as áreas da fonoaudiologia e da educação, aprofundando o conceito de diálogo e de transdisciplina, refletindo sobre a importância da interlocução do fonoaudiólogo com a escola para os sujeitos em tratamento/escolarização.

Os saberes podem ser considerados como os conceitos relacionados a um campo de conhecimento específico, onde o profissional vai ao longo da sua formação apropriando-se. Por outro lado, os “não saberes” podem ser decorrentes de inquietações, conflitos, questionamentos que estão dentro da própria área, e para os quais não se encontra respostas, apontando a existência de “não saberes”, ou seja, de saberes que ainda não foram adquiridos. Diante dos “não saberes”, busca-se uma aproximação com outras áreas a fim de poder, em diálogo, pensar novas ideias que possam contribuir e dar conta das questões que os conceitos da área não contemplam.

É a partir dessas questões que aproximamos duas grandes áreas do conhecimento: a Fonoaudiologia e a Educação, ou mais especificamente a Clínica de Linguagem e a Escola. Uma aproximação cujo objetivo final é uma proposta de reflexão teórico-clínica. Para isso, é necessário retomar, mesmo que brevemente, alguns pontos dessas áreas.

A Clínica de Linguagem é uma das áreas que se situa no campo da Fonoaudiologia. É no espaço clínico que o paciente encontra o lugar para colocar-se na linguagem de forma singular. E o terapeuta, ao defrontar-se com essa linguagem que escapa à regra, reconhece a possibilidade da escuta terapêutica. Uma escuta para o que não foi previsto pela teoria, permitindo reformulações na forma de mediar e intervir.

A Escola, por sua vez, sendo uma área voltada para o ensino, utiliza o conteúdo pedagógico, a mediação do conhecimento científico e do conhecimento social para promover ações em seus processos educativos que favoreçam as aprendizagens dos alunos e contribuam para a formação de sujeitos autônomos. Ao repensar suas práticas, discute a forma como são socializados os saberes

pedagógicos, bem como a forma como que ocorrem as intervenções necessárias para que aluno possa apropriar-se do conhecimento.

A partir dessa proposta e considerando as singularidades presentes neste contexto de escola, o educador busca construir uma relação ensino-aprendizagem onde os sujeitos (professores e alunos), interlocutores e portadores de saberes possam refletir, questionar, argumentar e criar diante de novas experiências e de aprendizagens significativas.

No estágio de Fonoaudiologia realizado a aproximação dessas duas áreas ocorreu após o contato realizado pela terapeuta com a Orientadora Educacional da escola de J. com o objetivo de partilhar as percepções da paciente/aluna J. A receptividade da escola, bem como a iniciativa da terapeuta para conversar sobre J., mostra a importância que esses dois espaços atribuem às questões que envolvem o sujeito, neste caso a paciente/aluna.

Pode-se perceber que a escola fez diferentes movimentos buscando dados sobre a aluna J., trazendo para os encontros a voz de professores no sentido de ampliar mais o campo de discussão. É importante possibilitar esses espaços de escuta dos professores que atendem a paciente, uma vez que suas falas apontam para questões que envolvem também o saber pedagógico.

Tanto a clínica como a escola puderam, nesses momentos, estabelecer uma relação que possibilitou aos seus interlocutores ocupar os lugares de fala e de escuta. Os profissionais da escola falaram sobre as suas práticas e os seus contextos de sala de aula. A terapeuta de fonoaudiologia a Clínica falou sobre as suas dúvidas e suas mediações e intervenções.

A Clínica e a Escola atuam juntas no campo da prevenção e da promoção da saúde, desenvolvendo ações que vão além de identificar e corrigir os problemas, ou seja, buscam promover em suas práticas ações voltadas para o desenvolvimento das aprendizagens e para as questões relacionadas à comunicação.

Neste sentido, torna-se nítida a necessidade de partilhar experiências entre os profissionais da Clínica e da Escola. É uma relação que parte das vivências destes profissionais e dos pressupostos teóricos que fundamentam suas práticas que, articulados aos processos de aprendizagem, possibilitarão uma maior qualidade no trabalho a ser realizado. Assim, a integração dos conhecimentos traduzidos em saberes e “não saberes” entre essas duas áreas só tem a contribuir para o

desenvolvimento dos pacientes/alunos nesses dois espaços, cada qual com o seu contexto.

As situações vivenciadas como terapeuta possibilitaram analisar esses contextos a partir das práticas de atendimento realizadas. Para tanto, os conceitos que foram aprofundados neste estudo contribuíram para refletir e compreender a importância desta relação para o trabalho.

Ao pensar o fonoaudiólogo na relação clínica-escola, muitas perguntas e respostas foram sendo construídas, e isso se deu a partir da compreensão do diálogo do ponto de vista clínico, ou seja, um diálogo que representa muito mais que uma troca, uma conversa, mas exige uma escuta atenta ao que está sendo comunicado verbalmente ou não.

Trazer o conceito de transdisciplina para essa reflexão é fazer a experiência de pensar uma unidade de trabalho, onde na relação com o outro campo que é diferente do meu encontra espaço para levantar questões que muitas vezes não são passíveis de respostas, seja pelas limitações da própria área ou até mesmo por esgotar as alternativas dentro do campo de atuação.

Pensar o diálogo e a transdisciplinaridade na relação entre campos diferentes traz o desafio de reconhecer as limitações de toda e qualquer disciplina. Acreditamos que a construção da relação que tratamos neste trabalho acontece a partir do reconhecimento de que o diálogo é o lugar onde a relação constrói-se, e por isso é um processo. Os encontros realizados entre a terapeuta de fonoaudiologia e os profissionais da escola expressam um pouco desse processo, onde as aproximações realizadas a partir da escuta e da fala trazidas nas entrevistas foram, aos poucos, sendo ampliadas.

Nesta direção, percebe-se a importância de discutir-se essa temática que envolve o fonoaudiólogo. Através da aproximação dessas áreas, deve-se resgatar quais os sentidos e significados de nossas ações, considerando os sujeitos envolvidos nestes contextos de trabalho. Esse resgate é imprescindível para que a relação que se deseja construir seja compreendida como um diferencial importante e necessário para nossa área de atuação.

## 7 CONCLUSÃO

A relação que se estabelece entre as diferentes áreas de atuação possibilita aos profissionais transitarem por outros campos teóricos, bem como realizarem questionamentos oriundos de sua própria área. Assim, este estudo discutiu a relação clínica-escola como possibilidade de entrelaçar saberes e “não saberes” entre as áreas da Fonoaudiologia e da Educação. Os conceitos de diálogo e de transdisciplina contribuíram para ampliar a reflexão do tema e analisar os dados coletados nas entrevistas realizadas entre a terapeuta e a escola.

Conclui-se com este estudo a importância de reconhecer-se que nos espaços da escola e da clínica circulam saberes e “não saberes” que, em diálogo, entrecruzam-se. O diálogo entre esses espaços, além de possibilitar aos interlocutores uma reflexão e uma ressignificação de suas práticas, contribuem na aquisição de novos conhecimentos sobre o sujeito em tratamento/escolarização.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- ARANTES, L. O fonoaudiólogo, este aprendiz de feiticeiro. In: LIER-DE VITTO, M. F. **Fonoaudiologia: no sentido da linguagem**. São Paulo: Cortez, 1997.
- ARANTES, L.; LIER-DE VITTO, M.F. **Aquisição, patologias e clínica de Linguagem**. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006.
- ARAUJO, Júlio César; DIEB, Messias. **Linguagem e Educação: Fios que se entrecruzam na escola**. Belo Horizontes Autêntica, 2007.
- AZZI, S. Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico. In: PIMENTA, S. (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BAKHTIN, M. M. (1952) Os gêneros do discurso. In: Estética da Criação Verbal. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- BASAG, F.A clínica do Sujeito: Por uma Clínica reformulada e Ampliada. In CAMPOS, G.W.S. **Saúde Paidéia**. São Paulo: Hucitec, 2005. p.51-67.
- CANDAU, Vera Maria. **Reinventar a escola**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CARDOSO, Jefferson Lopes. **Dialogismo e Fonoaudiologia: A intersubjetividade na Clínica**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.
- CAON, José Luiz. Serendipidade, comparatismo e transdisciplinaridade da pesquisa psicanalítica: contribuição para o entendimento da formação de insocorridade humana numa experiência de situação-limite. **Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise**. São Paulo: EDUC/Casa do Psicólogo, 2000.
- CORTELLA, M. S. **A Escola e o Conhecimento – Fundamentos epistemológicos e políticos**. São Paulo: Cortez, 1998.
- DELEMOS, C.T.G. A sintaxe no espelho. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. v.10, n. 5-15, 1986.
- FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **A tarefa educacional na especificidade da escola**– Ijuí: Ed. Unijuí, 2020. 96 p.
- FREITAS, Maria Teresa. **Educação, artes e Vida em Bakhtin**. Belo Horizontes: Autêntica, 2013.
- FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

IRIBARRY, IsacNikos. Aproximações Sobre a transdisciplinaridade: algumas linhas históricas, fundamentos e princípio aplicados ao trabalho de equipe. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v.16, n. 3, 2003. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000300007>

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes).

MARCHESAN, Irene Queiroz, et al. **Tratado das Especialidades em Fonoaudiologia**. São Paulo: Guanabara Koogan, 2014.

MARQUES, Eliana de Sousa Alencar. **As relações interpessoais entre professores e alunos mediando histórias de fracasso escolar: um estudo do cotidiano de uma sala de aula**. 2.ed. Teresina: EDUFPI, 2015.

MOLL, Jaqueline. **Os Tempos da Vida nos Tempos da Escola: Construindo Possibilidades**. 2.ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre : Penso, 2013.

PORT, Ilvo Fernando. **Escolarização e subjetivação de crianças com estruturação psicótica: uma perspectiva transdisciplinar**. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2002. p 125-128.

RIOS. T. A. **Compreender e ensinar: por uma docência de melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2003.

TASSINARI, M. I. Um ensaio sobre a relação terapêutica na clínica fonoaudiológica. In: **Aspectos atuais em terapia fonoaudiológica**. São Paulo, Pancast, 1998. p.120-129.

TOMITÃO, C.; FERREIRA M.G. A Escola e a Família uma aproximação necessária. **Caderno Pedagógico**. Arapongas. 2013. <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernosde/pdebusc>

ZABALA, A. **Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.